



O narrador de
“Um moço muito
branco”, de
Guimarães Rosa



Regiane Magalhães Boainain



RESUMO

Em “Um moço muito branco”, Rosa une as duas maneiras de interpretar o mundo: a visão mítica e a visão racional. A partir delas, ele nos mostra que nada no mundo é absoluto e que tanto o mito quanto a razão possibilitam ao homem entrar em contato com o Cosmo. Contudo, fica evidente no conto que há momentos em que a razão não é suficiente para penetrar no mistério aparente das coisas, precisando, portanto, da magia, do irreal e irracional para devassar um sentido “outro”. Assim, ele nos ensina que o mundo é um enigma, é dúbio, é misterioso e que semelhante a ele, o homem também o é.





ABSTRACT

In “Um moço muito branco” Rosa joins the two ways of interpreting the world: the mythical vision and the rational vision. From those, he shows us that nothing in the world is absolute and that both myth and reason allows the man to get in touch with the cosmos. However, it is evident in the story that there are moments where the reason is not enough to penetrate the apparent mystery of things, and therefore magic, the unreal and irrational are needed to penetrate a sense of “another”. Thus, he teaches us that the world is an enigma, it is dubious, it is mysterious and, like the world, the man is too.



PALAVRAS-CHAVE

“Um moço muito branco” -
mito - razão - Cosmo



KEY WORDS

“Um moço muito branco” -
myth - reason - cosmos

OS MISTÉRIOS DE “UM MOÇO MUITO BRANCO”

Pretende-se nesta exposição analisar o conto de Guimarães Rosa, intitulado “Um moço muito branco”, no qual o narrador, em 3ª pessoa, relata a aparição de um ser misterioso na Comarca do Serro Frio, dias depois de uma noite de cataclismos. A aparição do moço e também o seu sumiço foram interpretados pela comunidade como algo misterioso, sobrenatural.

A problemática desta breve pesquisa surgiu ao percebermos que em “Um moço muito branco” camadas e elementos da estrutura mítica, pertencentes ao acervo da consciência cristã ocidental, parecem subjazer o discurso do narrador sob a perspectiva da população do Serro Frio. A partir disso nasceram as seguintes perguntas, que visamos responder ou pelo menos refletir sobre elas:

1. É possível dizer que há resquícios míticos no conto em questão?
2. Se for confirmado que há resquícios míticos em “Um moço muito branco”, poderíamos afirmar que, com a proposta mítica, Guimarães Rosa anula os limites das antinomias: real/ irreal, mágico/ lógico, primitivo/ moderno?
3. É possível dizer também que, ao anular os limites dessas antinomias, ou seja, quebrar tudo o que é cristalizado, dogmático, autoritário e absoluto, Rosa busca ensinar ao homem refletir sobre sua existência?

Ao prosseguir a leitura, percebemos que Guimarães Rosa traz no corpo de seu texto resquícios do mito cristão. Observa-se isso quando a comunidade da Comarca do Serro Frio interpreta a figura do moço branco como um ser de bom augúrio, símbolo da alegria, uma vez que as pessoas que com ele conviveram eram abençoadas e algo de extraordinário lhes acontecia.

Esse ser misterioso aparece na região do Serro Frio após uma catástrofe e suas características físicas assemelham-se à que o Apocalipse chama de o *Filho do Homem*:

o moço era “Tão branco, mas não branquicelo, senão que de um branco leve, **semidourado de luz; figurando ter por dentro da pele uma segunda claridade** [...] contam que seus olhos eram cor-de rosa!” (ROSA, 1981, p. 99-101, grifos nossos).

Para a Bíblia Sagrada (1992, p. 1561), o *cordeiro imolado* tem “cabeça e cabelos brancos como lã cor de neve. Seus olhos eram como chamas de fogo e seu rosto se assemelhava ao sol, quando brilha com toda a força”.

Além disso, a maneira como o anjo que anuncia o Senhor aparece no céu assemelha-se muito à aparição descrita pelo escravo alforriado, José Kakende, que “teria enxergado, nas margens do Rio do Peixe, na véspera da catástrofe”, algo estranho:

o rojo de vento e grandeza de nuvem, em resplendor, e nela, entre fogo, se movendo uma artimanha amarelo -escura , avoante trem, chato e redondo, com redoma de vidro sobreposta, azulosa , e que, pousando, de dentro, desceram os Arcanjos , mediante rodas, labaredas e rumores. (ROSA, 1981, p. 101)

Embora José Kakende seja “de ideia conturbada, delirado varrido”(ROSA, 1981, p. 100), a temática de sua visão encontra ecos em uma base comum, pois podemos encontrar esse mesmo tema em outros lugares e em outras pessoas. Por exemplo, a visão do escravo, ainda que pareça descrever um disco voador, aproxima-se muito à descrição bíblica do momento em que o Filho do Homem aparece:

Sete candelabros , alguém semelhante ao Filho do homem, vestindo longa túnica até os pés, cingido o peito por um cinto de ouro . **Tinha ele cabeça e cabelos brancos como lã cor de neve. Seus olhos eram como chamas de fogo**[...].Depois disso tive uma visão: vi uma porta aberta no céu, e a voz

que falara comigo, como uma trombeta, dizia: “Sobe aqui, e mostrar-te-ei o que está para acontecer depois disso”. Imediatamente, fui arrebatado em espírito; no céu havia um trono, e nesse trono estava sentado um Ser. E quem estava sentado assemelhava-se pelo aspecto a uma pedra de jaspe e de sacerdotônica. Um halo, semelhante à esmeralda, nimbava o trono. **Ao redor havia vinte e quatro tronos, e neles, sentados, vinte e quatro anciãos vestidos de vestes brancas e com coroas de ouro na cabeça. Do trono saíam relâmpagos, vozes e trovões . Diante do trono ardiem sete tochas de fogo,** que são os sete espíritos de Deus[...] (BÍBLIA SAGRADA, 1992: p. 1557-1560, grifos nossos)

No conto de Rosa, tudo são dúvidas, assim os resquícios míticos só se confirmam quando levamos em conta o discurso do narrador sob a ótica das personagens, pois sob a ótica do próprio narrador, o moço é visto somente como “um moço muito branco”, como o título do conto anuncia.

A dupla interpretação do conto ocorre porque ele é contado pelo mesmo narrador, porém sob dois pontos de vista: 1º- sob o ponto de vista do narrador e 2º- sob o da comunidade .

Sob o ponto de vista da comunidade, a figura do moço, já citada, está estritamente ligada aos seguintes acontecimentos, tidos pela população como obras sobrenaturais: 1º- a sorte que atingiu a vida de Hilário Cordeiro, “homem cordial para os pobres, temente e bom” (ROSA, Guimarães, p.100), que não deixou de acolher o moço. E que, por acolhê-lo, “eis que tudo lhe passou a dar sorte, quer na saúde e paz, em sua casa, seja no assaz prosperar dos negócios, cabedais e haveres” (*idem, ibidem*, 102); 2º- o nascimento de uma árvore¹, cuja flor era inesperada, desconhecida, rara; 3º- a cura das tristezas de Viviana que, após ter sido tocada pelo moço, “despertou em si um enfim de alegria, para todo o restante de sua vida” (*idem, ibidem*, 103); 4º- a conversão de Duarte Dias, “homem de gênio forte, além de maligno e injusto, sobre prepotências”, mas

1 Cabe lembrar que também o anjo bíblico dá “o vencedor a comer do fruto da árvore da vida, que se acha no Paraíso de Deus” (BÍBLIA SAGRADA, 1992);

que, após tomar afeição pelo moço, transformou-se em “homem sucinto, virtuoso e bondoso” (*idem, ibidem*, p. 104).

Todos esses elementos, tidos para a população como milagres, fazem com que o vilarejo veja o moço como um ser sobrenatural, sagrado, que vem trazer a bonança após a tempestade.

É importante reiterar que essa visão é a da comunidade local, cuja mentalidade se mostra bastante “primitiva”; já para o narrador, cuja mentalidade é intelectualizada, a percepção é muito racional, isenta de magia e emoção. Assim, toda magia do discurso da população do Serro Frio se desfaz no discurso do narrador, que narra os fatos se livrando da responsabilidade do teor da narrativa, mostrando ao leitor o descompromisso com aquilo que enuncia e também o convidando a converter-se em simples ouvinte de “causos”.

O exemplo, a seguir, ilustra o não-comprometimento do narrador. Observe o fragmento em que, à porta da igreja, o moço olha, sem medida, para o cego Nicolau, para quem entrega uma semente que, ao ser germinada, faz nascer uma árvore que nunca se viu. Nesse fragmento o narrador arremata o que acabou de narrar com a seguinte frase: “**contam que seus olhos eram cor-de rosa!**” (*idem, ibidem*, 101, grifos nossos). O verbo no presente do indicativo (=contam) mostra que o narrador, como afirma ABRIATA(2000) é “um mero porta-voz da enunciação” da história narrada em Serro Frio.

Outro exemplo, denunciador da falta de comprometimento do narrador com a matéria narrada, aparece no fragmento em que há uma descrição das maneiras do moço: “Ele andava muito na lua, passeava por todo o lugar e alhonde, praticando aquela liberdade vaporosa e o espírito de solidão; parecesse alquebrado de um feitiço, *segundo os dizeres do povo*” (*idem, ibidem*, 102, grifos nossos).

No episódio em que o narrador conta o que aconteceu com a moça Viviana, há também marcas de ausência de comprometimento por parte do narrador: “Do que adveio o caso da moça Viviana, **sempre mal contado**[...]” (*idem, ibidem*, p.103, grifos nossos). Observa-se no que acaba de ser exposto que o narrador emprega índices de avaliação, ou seja, (atitudes subjetivas perante o seu

enunciado), mostrando que os fatos contados pelo povo não são convincentes.

Outra marca de isenção da responsabilidade sobre o teor da narrativa aparece quando o narrador, ao falar das visões de José Kakende, contamina o discurso com o seguinte índice de avaliação: “Girava agora por aqui e ali, a pronunciar advertências e **desorbitadas sandices** — querendo pôr em pé de verdade portentosa aparição que teria enxergado[...]

Essas marcas linguísticas, ligadas ao fragmento abaixo, denunciavam a ausência de responsabilidade do narrador sobre aquilo que ele relata:

Seja que da maneira ainda hoje se conta, *mas transtornado incerto, pelo decorrer do tempo*, porquanto narrado por filhos ou netos dos que eram rapazes, quer ver que meninos, quando em boa hora o conheceram.” (*idem, ibidem*, p. 100, grifos nossos).

O que foi dito nos possibilita afirmar que o narrador não se compromete com aquilo que enuncia, pois em seu discurso não há uma adesão ao seu enunciado; pelo contrário, há uma atitude distensa, relaxada, menos comprometida com relação ao dito. O narrador relata apenas os fatos do jeito que lhe foi contado, sem interferir em sua ordem, como se os fatos narrassem por si mesmos. Com isso, o leitor perspicaz percebe que a narrativa pode também ser interpretada não somente pela visão mística dos fatos, mas também de forma racional, já que o conto é um relato de uma história longínqua em relação ao tempo da narração.

Assim, tudo o que na primeira leitura parecia ser misterioso, sagrado, pode ser lido sem esse caráter sagrado, uma vez que o narrador, ao narrar sob sua própria perspectiva, vê o moço apenas como homem branco, fugitivo das calamidades da catástrofe que abalou a região:

[...]um coitado fugitivo desses, decerto persuadido da fome : o moço pasmo. O que foi quando subitamente, e era moço de distintas formas, mas em lástima de con-

dições, sem o restante de trapos com que se compor, pelo que enrolado em pano, espécie de manta de cobrir cavalos, achada não se pode onde; e, assim em acanho, foi ele avisado, de muito manhã, aparecendo e se escondendo por detrás do cercado das vacas. Tão branco; mas não branquicelo, senão que de um branco leve, semidourado de luz: figurando ter por dentro da pele uma segunda claridade. **Sobremodo se assemelhava a esses estrangeiros que a gente não depara nem nunca viu; fazia para si outra raça.** (ROSA, 1981, p. 99-100, grifos nossos)

Como já foi dito, a visão racional do narrador difere da maneira como o povo interpreta a chegada do moço no povoado. E esse é um dos aspectos fortes do conto, pois Rosa teve a capacidade de alternar cenas em que um narrador relata o mesmo fato sob uma perspectiva racional, lógica e sob uma perspectiva mítica, imagética, sensorial; todavia, o autor implícito, escondido atrás do narrador, não eleva ou menospreza ambas as formas de interpretar o mundo.

Em “Um moço muito branco”, Rosa une as duas maneiras de interpretar o mundo: emoção/ razão; magia/lógica; mentalidade primitiva²/ mentalidade moderna, visando mostrar-nos que nada no mundo é absoluto e que tanto o mito quanto a razão possibilitam o homem de relacionar-se com o Cosmo.

2 Cabe dizer que ao empregarmos o termo “primitivo” e “moderno” não temos o intuito de subestimar ou engrandecer esses tipos de mentalidade. Tomamos como critério o pensamento de Claude Levi Strauss(s/d) que encara o pensamento primitivo como “um tipo de pensamento diferente do nosso”, pois é completamente determinado pelas representações místicas e emocionais, são “ movidos por uma necessidade ou um desejo de compreender o mundo que os envolve, a sua natureza e a sociedade em que vivem. (STRAUSS, Claude-Levi, s/d: 30). Para o antropólogo, o pensamento primitivo “dá ao homem a ilusão, extremamente importante, de que ele pode entender o universo e de que ele entende , de fato , o universo”(*idem, ibidem*, p.32)

2- CONCLUSÃO

Ao lermos o conto o que fica é a dúvida, a ambiguidade: o moço era realmente sagrado, como acredita a população local, ou é apenas um moço branco, pasmo, um estrangeiro “que a gente não depara, nem nunca viu”? Essas dúvidas são oriundas de uma linguagem que se quer e se faz ambígua, justamente para nos ensinar que o mundo é um enigma, é dúbio, é misterioso e que assim como ele, o homem também o é.

Com este arquivo, pudemos refletir e dizer que há no discurso de Rosa resquícios míticos, como prevíamos, mas há também uma posição crítica, mostrada pela figura do narrador que, ao atestar e questionar a veracidade dos fatos, seja por ter saído da imaginação de um escravo louco, ou por admitir que os outros podem ter adulterado os acontecimentos, ou ainda, por haver momentos em que a população não sabe explicar direito o sucedido, desarma a estrutura mítica, pondo em xeque a ordem

REFERÊNCIAS

ABRIATA, Vera Lúcia Rodella. "A heterogeneidade mostrada e a heterogeneidade constitutiva em " Um moço muito branco"." IN: DUARTE, Lélia Parreira. IN: **Veredas de Rosa**, Belo Horizonte, 2000.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. Mediante a versão dos monges de Maredsous(Bélgica). São Paulo: Ave Maria , 1992.

ROSA, Guimarães." . **Primeiras estórias**.12.ed. Rio de janeiro: José Olympio, 1981.

STRAUSS, Claude-Levi. **Mito e significado**. Edições 70.

A autora é Mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP. Professora de Literatura do Programa de Pós-graduação(lato sensu) da UNITAU.